

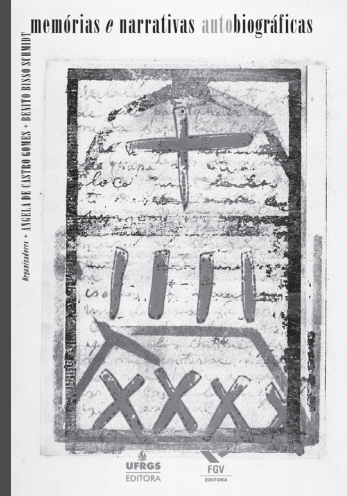


Leituras de vida

Memórias e narrativas (auto)biográficas

Benito Bisso Schmidt e Angela de Castro Gomes (orgs.)

Ed. UFRGS e Ed. FGV



Lançamento e sessão de autógrafos: 07/11 - 16h30min
Pavilhão de autógrafos da 55.ª Feira do Livro de Porto Alegre

Olga

de Fernando Moraes

A história da judia e comunista Olga Benário, companheira de Luis Carlos Prestes, que acabou assassinada nos campos de concentração nazistas, entregue pelo governo de Getúlio Vargas ao regime de Hitler. "Gosto do livro sobre a Olga do Fernando Moraes; acho muito melhor, inclusive, que o Chatô. Trata-se de um trabalho sério dentro do campo do Jornalismo", comenta o professor Benito Bisso Schmidt.

Toda mulher é meio Leila Diniz

de Mirian Goldenberg

Sobre a atriz que morreu em 1972, aos 27 anos, em um acidente de avião. A autora, antropóloga, investiga a construção do mito Leila Diniz. "O título faz referência àquela música da Rita Lee", explica o historiador, esclarecendo que Mirian Goldenberg busca descobrir como se construiu uma determinada imagem da artista no imaginário social: a Leila grávida de biquíni, sempre alegre e exuberante. "E vai mostrar que essa imagem não era falsa, isso também era a Leila. Mas construímos uma Leila Diniz tão idealizada, de uma alegria permanente, que não conseguimos ver outros aspectos dessa mulher, às vezes mais dramáticos e tristes."

Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo

de Georges Duby

Livro dos anos 80 que aborda a vida de um cavaleiro medieval. "Para quem acha que historiador escreve mal, é belíssimo. Começa com a morte do Marechal. O autor usa o recurso literário do flash-back. Ele consegue mostrar como era a sociedade medieval tanto na França quanto na Inglaterra a partir de um personagem. Acho brilhante! Escrito em uma linguagem bem leve", indica o pesquisador de biografia.

A imagem rebelde

de Regina Horta Duarte

A trajetória libertária de Avelino Foscolo, um anarquista que viveu no final do século XIX, início do XX, no interior de Minas Gerais. "Foi a dissertação de mestrado da historiadora da UFMG. Ela consegue casar bem a técnica da pesquisa, a metodologia, o rigor histórico com uma linguagem esteticamente muito bem construída. Tanto que ganhou o prêmio Jabuti literário", analisa Benito.

Uma vida para entender uma época

História

Filão rentável para a indústria editorial, gênero biográfico suscita discussão quanto à ética

Caroline da Silva

A partir do dia 30 deste mês, só se falará em literatura na capital gaúcha. Muitos títulos e autores discutindo sobre variados temas retratados pelas obras e também sobre os próprios gêneros literários. Na 55.ª Feira do Livro de Porto Alegre, Benito Bisso Schmidt, professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade, vai autografar uma coletânea de artigos acadêmicos sobre as chamadas escritas de si, *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. O lançamento da Editora da UFRGS em parceria com a Editora da Fundação Getúlio Vargas é coorganizado pelo docente e pela pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV/CPDOC) Angela de Castro Gomes.

Objetivos da escrita – Pesquisador de história da memória e biografia, gênero histórico e de fronteira em que o personagem é o fio condutor, Benito tem-se dedicado nos últimos tempos a uma publicação sobre a vida de Gilda Marinho, famosa jornalista e colunista social da Porto Alegre das décadas de 40 e 50: "Ela era muito conhecida na cidade, uma personagem irreverente, que hoje ainda é lembrada". O historiador conta que, das vezes em que comentou sobre o projeto na imprensa, lhe perguntaram em repetidas situações: "Mas o que tu descobriste de novo sobre ela?". Ele explica que não sabe se descobriu algo novo e que esse não é seu objetivo. Ao mencionar a palavra objetivo, resume a questão da biografia para a História e para o Jornalismo, pois é a sua finalidade o que diferencia as obras escritas por profissionais das duas áreas.

No caso da colunista Gilda Marinho, o professor afirma querer entender a personagem à luz de seu contexto, inserida nas relações de sua época. "Se isso é novidade, se ninguém nunca soube sobre isso, não é o que me interessa." Benito constata que na maioria das vezes os jornalistas buscam o novo, "e não é um caminho pior", deixa claro. Para ele, esse caminho tem a ver com a profissão, com a formação jornalística. "O bom texto, um texto fluente, ágil, que prende a atenção, tem, como parte desse prender a atenção, de revelar coisas novas, que às vezes tendem para o lado da fofoca, porque é uma coisa de despertar o interesse do público."

Elemento comercial – Benito já esteve interado dos índices editoriais do gênero e diz que as vendas e os lançamentos biográficos eram expressivos "não apenas no âmbito da biografia, mas também no do que chamamos de 'escritas de si': escritas íntimas que englobam diários, autobiografias, cartas". É possível concluir que há na sociedade uma demanda pelo tipo de literatura que fala da intimidade dos indivíduos. "Hoje não tenho acompanhado as cifras, mas como visitante de livrarias vejo que sempre tem uma seção de biografias ou memórias. Todos querem saber da intimidade do outro, até porque, na nossa época, parece que somente ela representa a pessoa na sua essência, o que acho uma visão equivocada."

No Brasil, uma máxima prescreve: "sabendo-se como alguém é como pessoa, vai-se entender como ele é como profissional e como homem público". O historiador diz que em outros momentos e países o homem público está separado do homem privado. Cita como exemplo a eleição do prefeito de Paris, Bertrand Delanoë, em 2001, que é homossexual assumido. "Tive a oportunidade de estar na cidade e comentava que era uma vitória sobre o conservadorismo, mas me diziam que isso não tinha importância alguma, que não queriam saber se ele era homossexual." Importava saber da atuação dele como homem público. "Se ele gosta de transar sei lá como não nos interessa e não é isso o que faz a faceta dele de homem público", declaram os parisienses.

Em busca da face humana – Os aspectos escabrosos da personalidade parecem vender mais, e existe um público definido para esse tipo de leitura. No entanto, há escritas íntimas, como as de correspondência, que servem de motivo nobre para a penetração na



Pesquisador da memória, Benito Bisso Schmidt lança obra sobre biografias na Feira do Livro

intimidade de celebridades. "Às vezes, analisando as cartas que os artistas trocavam entre si, tu vais poder entender, por exemplo, o processo de criação de determinadas obras, as polêmicas que esses intelectuais travavam entre si", comenta Benito, acrescentando que o estudo dessas mensagens revela elementos significativos dos bastidores da vida de pessoas públicas, como a dos personagens da política.

A ânsia, por parte de um público voyeurista, não só pela trajetória de personalidades atuais, mas também de personagens históricos já falecidos, tem suscitado mais publicações no campo da História: "O interesse do presente se transfere também para o passado, e isso tem-se revelado no lançamento de uma série de coleções de biografias, mesmo entre os historiadores". Um título biográfico que fez sucesso é *D. Pedro II - Ser ou não ser*, de José Murilo de Carvalho (Companhia das Letras, 2007). Esse livro, assim como as publicações do gaúcho Eduardo Bueno, o Peninha, na Coleção Terra Brasilis, se encaixa em uma proposta de linguagem para o grande público, "numa escrita menos pesada academicamente, mas que se vale da pesquisa histórica, do que já foi escrito sobre – no sentido de divulgar, talvez, a face humana de determinados processos históricos", pondera o professor da UFRGS.

Ética e História – No mês de julho, Benito Bisso Schmidt foi um dos conferencistas no XXV Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional de História (Anpuh) na Universidade Federal do Ceará, cujo tema geral era História e Ética. Sua conferência, intitulada *Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: ética e narrativa biográfica*,

parodiou um livro da jornalista Janet Malcolm (*A mulher calada: Sylvia Plath e Ted Hughes*), que analisa as biografias de Sylvia Plath, poeta norte-americana que se suicidou. Nele, a autora comenta que o biógrafo, de uma maneira geral, é um *voyeur* e espia pelo buraco da fechadura.

Sendo assim, os dois agentes principais da literatura, escritor e leitor, são apontados como *voyeurs* quando o assunto é esse gênero. Dentro desse panorama, é necessário discutir sobre o direito à privacidade e sobre o direito à informação e liberdade de expressão, para não cometer "violências à própria subjetividade da pessoa biografada", como assinala o pesquisador. "As biografias têm relevância para a História no momento em que nos ajudam a perceber determinados elementos de um período que, de outra forma, não perceberíamos. Do ponto de vista histórico, o nosso propósito não é desvendar coisas que nunca foram sabidas antes. A questão de ser mais ou menos íntimo também não é relevante, mas sim a possibilidade que um personagem tem, às vezes, de iluminar a época em que viveu. Essa questão de revelar a intimidade pode ser importante, dependendo do que tu estás querendo estudar daquela época, como relações conjugais e formas de sexualidade."

Na opinião de Benito, o que deve prevalecer é a relação humana: há que cuidar se determinada informação pode criar danos para a memória ou para a vida da pessoa e/ou dos seus familiares, gerando perseguição política, por exemplo: "Particularmente acho que o interesse da Ciência não é maior do que isso". Segundo ele, ainda, preservar o biografado não significa abdicar de um estudo profundo e bem contextualizado.